

Directora: **Nassalete Miranda**
28 Março de 2018
N.º 215 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS



EM NOTÍCIA // Pág. 25

**ECCE
HOMO'18**

**PALAVRA À JUVENTUDE
VOICE TO THE YOUTH**

Largo de S. Domingos » Terreiro da Sé do Porto
Participação livre | Free participation

28
MARÇO/MARCH
21.00H



ARTE | Págs. 14 e 15

As pontes de esperança de Isabel Saraiva



PÁGS. 3 A 9

Ilse Losa lembrada nos 105 anos

Por

Guilherme d'Oliveira Martins
Ana Cristina Vasconcelos de Macedo
Sara Reis da Silva
Ramiro Teixeira
José António Gomes
Madalena Teixeira da Silva

LITERATURA | Pág. 11

A alteridade e fenomenologia em *Nomes Próprios* (Vol. I)

Por João Barroso da Fonte

LITERATURA | Págs. 17 e 18

Celebrar o Dia Internacional do Livro Infantil

Por José António Gomes
e entrevista a João Manuel Ribeiro

LUSOFONIA | Pág. 19

LUSOFONIA E CPLP A Árvore e os Enxertos

Por Leonel Cosme

CIÊNCIA | Pág. 22

Stephen Hawking (1942-2018)

Por Carlos Fiolhais

PÁGINA QUEIROSIANA | Pág. 23

E Saxe des Anjes

Por J. A. Gonçalves Guimarães



Ana Cristina
Vasconcelos de Macedo
IEL CHIED
da ESE do Politécnico do Porto

Ilse Losa: uma escritora a ser (re)descoberta

Ilse Lieblich, mais tarde, em 1935, Ilse Lieblich Losa, pelo casamento, em 1935, com Arménio Taveira Losa (Braga, 1908 - Porto, 1988), um dos representantes do Movimento da Arte Moderna na arquitetura e no urbanismo e fundador da ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos), é uma escritora alemã, de origem judia, nascida em Bauer, no distrito de Osnabrück. A sua condição de judia obriga-a, tal como sucedeu a tantos nomes insinuantes da cultura europeia, a abandonar imprevistamente a Alemanha. Estávamos precisamente no mês de março do ano de 1934 quando a jovem Ilse, quase a completar vinte e um anos, se refugia na cidade do Porto. Em 1938, nasce a primeira filha do casal - Alexandra Lieblich Losa - e, cinco anos depois, Margarida Lieblich Losa. A participação na vida cultural e artística da cidade do Porto intensifica-se. A colaboração na imprensa portuguesa inicia-se nos finais dos anos quarenta, e, em 1949, apresenta-se ao público português como escritora, editando dois livros - o romance transgeracional *O Mundo em que Vivi* e a narrativa infantil *Faisca Conta a sua História*. Entre estes dois livros de estreia e a experiência de lecionação de seminários no âmbito da Literatura para a Infância e a Juventude na Escola do Magistério Primário do Porto, em 1973, a par da tradução e retroversão de obras portuguesas e da escrita de artigos sobre a importância da educação literária na infância e de livros pedagógicos (*Nós e a Criança - um livro para os pais*, 1954), a herança que Ilse Losa deixou é plurifacetada do ponto de vista temático e da variedade de géneros cultivados para crianças e para os adultos.

No quadro de uma escrita para a infância e a juventude, a sua obra pode ser dividida em "narrativas de contornos realistas" e "narrativas de contornos fantásticos", como as nomeei no livro *A Escrita de Ilse Losa para a Infância e a Juventude*, publicado neste mês de março de 2018 pela editora Tropelias & Companhia. No primeiro grupo, para além de *Faisca Conta a sua História* e de *O Mundo em que Vivi*, incluem-se *A Flor Azul* e *Outras Histórias* (1955), *Um Fidalgo de Pernas Curtas* (1958), *Mosquito e o Senhor Pechincha* (1966), *Um Artista Chamado Duque* (1966), *Beatriz e o Plátano* (1976), *O Quadro Roubado* (1977), *Na Quinta das Cerejeiras* (1981), *O Expositor* (1983) e *O Senhor Leopardo* (1987). No segundo grupo, destacam-se *Bonifácio* (1980), *A estranha História de uma Tília* (1981), *Viagem com Wish* (1983), *A Minha Melhor História* (1985), *Ana-ana* (1986), *Ora Ouve...* (1987) e *O rei Rique e Outras Histórias* (1989).

Pese embora uma produção literária mais intensa dentro do modo narrativo, a Autora não negligencia a escrita de textos dramáticos - *O Príncipe Nabo da Nabolândia* (1962), *João e Guida* (1962) e *A Adivinha* (1967) -, distinguindo-se, nesta modalidade, a tematização dos valores da amizade,

do respeito pela natureza e a denúncia das desigualdades sociais.

A obra de Ilse Losa distingue-se pela dupla condição cultural que marca a sua vida e a sua escrita - seja a destinada a leitores preferencialmente adultos seja a que reserva a leitores mais novos. São igualmente consideráveis os livros que escreveu para adultos, desde contos e crónicas a romances de maior fôlego, como *Rio sem Ponte* (1952), considerado pela crítica de *O Século Ilustrado* "uma genuína obra de arte literária" (opinião partilhada por Agustina Bessa-Luís - e à qual me junto - numa entrevista publicada no jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 1988, para quem existem "livros que com o tempo se vão destilando como bebidas espirituosas", que "deixam a leveza temporal e só fica a lágrima e o perfume"), e *Sob Céus Estranhos* (1962), romance que, para além da inquestionável mestria técnico-compositiva e do valor literário, regista sem complacência o atraso cultural e económico de Portugal no Estado Novo.

Ilse Losa concorreu para a renovação da literatura portuguesa e é uma das primeiras escritoras a apresentar uma visão diferenciada sobre a criança e sobre o conceito de literatura para a infância. Por este e por outros motivos, alguns dos seus livros encontram-se recomendados pelo Plano Nacional de Leitura e pelas Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico. É, pois, com justiça que a Autora tenha visto a sua obra reconhecida com várias distinções públicas, como o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças pelo conjunto da obra infantil (1984) e o Grande Prémio de Crónica, da Associação Portuguesa de Escritores (1998), pelas crónicas reunidas em *À Flor do Tempo*. Na Alemanha, *O Quadro Roubado* é também reconhecido pela seleção *White Ravens* da Internationale Jugendbibliothek München (1987). Vale a pena ainda referir que, no âmbito do Projeto de Animação Comum com a Biblioteca Municipal Almeida Garrett, desenvolvido pelas bibliotecas escolares do Porto, Ilse Losa foi, e bem, a escritora seleccionada para este ano lectivo de 2017/2018.

Trata-se, pois, de uma Autora cuja escrita se mantém viva, como atestam recentes reedições de títulos que se encontravam esgotados (em 2018, *Ana-ana* e a tradução de *O Rouxinol* de Hans Christian Andersen, ambos com ilustrações de Manuela Bacelar e a chancela da Afrontamento), bem como o início da edição de volumes de correspondência. O primeiro é *Estreitando Laços. Correspondência com os pares lusófonos* (1948-1999), que conta com a organização de Karina Marques. A publicação é da responsabilidade da Afrontamento que, neste momento, anuncia um ambicioso programa de reedições das obras desta Autora a redescobrir.

